

AS “PROMESSAS” DA ESCOLA EM UM MUNDO FLEXÍVEL

Williams Moreira Barros Luna¹

RESUMO

A pesquisa se propõe a analisar as relações que se estabelecem entre a educação e religiosidade em uma escola pública estadual localizada na região de Guarus, em Campos dos Goytacazes-RJ. Percebemos através daquelas observações uma relação conjunta entre *educação, religião e trabalho* nesta realidade escolar. Para tanto, nos utilizamos de uma base qualitativa na confecção do objeto da pesquisa e sua realização. Elaboramos roteiros de entrevista a partir da observação participante realizada no interior da escola no estágio docente, onde buscamos entender como se articulam esses três elementos, segundo os estudantes, egressos e profissionais da escola. Nossa intenção, por meio dos roteiros de entrevista, é descobrir como que, nesta escola pública, esta relação é possível e em quais sentidos ela atua e os porquês destes direcionamentos.

Palavras-chave: Educação, Religiosidade, Trabalho, Violência.

INTRODUÇÃO

Buscamos em nossa pesquisa entender a imbricada relação entre educação, religião e trabalho que se estabelece em uma escola pública estadual em Guarus, um território classificado como periférico e violento na cidade de Campos dos Goytacazes-RJ. O interesse na escolha da referida escola como foco da análise se baseia, sobretudo, em *memórias² discentes* construídas em relação a esta realidade escolar, tanto do autor, quanto de outros discentes e redescobertas a partir do retorno à instituição para realização do estágio.

Observamos que a escola possui uma cultura própria que busca motivar e incentivar as *juventudes* (NOVAES, 2004; 2006) da escola a buscarem um posicionamento no *mundo do trabalho* (ANTUNES, 2003; 2007). Em primeiro lugar, o autor que vos escreve é um aluno egresso da instituição e morador da região em que a escola se localiza. De modo que realizar esta pesquisa é, ao mesmo tempo, adentrar em um lugar familiar e particularmente conhecido. O que aumenta e muito o grau de dificuldade em desnaturalizar os elementos simbólicos presentes tanto na *cultura*, quanto no *clima escolar* (NÓVOA, 1995) desta escola.

Para atender às demandas da pesquisa utilizamos como ferramentas metodológicas a observação participante no levantamento dos aspectos que buscamos investigar e

¹ Graduando em Ciências Sociais pela Universidade Federal Fluminense/ESR

² Nota do autor: Trabalhamos fundamentalmente com o conceito de *memória* de Michael Pollak (1992).

compreender, a elaboração de roteiros de entrevistas³ e suas conduções. Pretendemos entrevistar ao todo quinze estudantes atuais, dez estudantes egressos da escola, três professores atuais e uma egressa, assim como a diretora central e a uma coordenadora pedagógica. Desta forma, o público analisado é composto por juventudes e profissionais que permanecem ou já trabalharam na escola.

O estágio realizado durou dois semestres, ao longo do ano de 2018. Por meio dele é que foi possível realizar as observações e obter, a partir de conversas extraoficiais, importantes dados à construção do objeto da pesquisa. Estas conversas foram cruciais e se estabeleceram tanto com os estudantes, egressos, quanto com profissionais da escola. Por meio delas houve, de todos os lados, indicações de mais pessoas para entrevistarmos.

Desta forma, o campo nos direcionou em parte das escolhas dos entrevistados, principalmente entre o público que é estudante da escola. Por outro lado, escolhemos a maior parte dos egressos para responder o roteiro de entrevistas⁴. Essas escolhas se baseiam, sobretudo, na rede de contatos do autor, pois a maior parte dos egressos é da mesma época que a sua, enquanto aluno da escola. Por questões de limitação de deslocamento e de tempo disponíveis, sendo um graduando que trabalha, a ida ao campo de pesquisa se deu de forma fragmentada e em dois momentos: primeiro pelo estágio, e em um segundo nos últimos meses para concluir a aplicação do roteiro de entrevistas com os estudantes e profissionais da escola.

DISCUSSÃO TEÓRICA

No que se refere ao aspecto educacional, foi possível perceber em *outdoors* e cartazes⁵ localizados no interior da escola, o incentivo à busca pelo acesso ao Ensino Superior, assim como em discursos docentes e de gestores o incentivo ao mundo do trabalho. Como característica marcante deste mundo do trabalho em Campos dos Goytacazes, no seu trecho urbano, as vagas de trabalho são direcionadas ao setor de serviços. Dentre os quais a maioria é ofertada no ramo comercial. Entretanto, a mesorregião da Bacia de Campos, possui ofertas de

³ Vale salientar que esses roteiros são impressos e entregues aos (às) entrevistados (as), portanto, são entrevistas estruturadas e com perguntas abertas.

⁴ Com os egressos, uma parte desta aplicação foi feita por e-mail e a outra parte presencialmente, seja no local de trabalho do autor, onde alguns egressos também trabalham, seja na mesma universidade do autor, onde outros egressos estudam.

⁵ “#PartiuUniversidade” e “Universidade em Foco” são dois destes exemplos. O primeiro cartaz está no interior sala da coordenação pedagógica, já o segundo na parede externa à esta mesma sala, em um mural e se tratam de campanhas que a instituição desenvolve para realizar o objetivo do acesso ao Ensino Superior ou técnico-profissionalizante.

emprego direcionadas ao setor industrial e do mercado *on* ou *offshore*, principalmente nos municípios vizinhos a Campos dos Goytacazes, em Macaé-RJ e São João da Barra-RJ.

Nosso interesse central na pesquisa se refere, contudo, ao aspecto religioso, trata-se do fenômeno da imersão religiosa em um espaço público escolar. Especificamente a de confissões Católica Apostólica Romana e cristã Evangélica. Em primeiro lugar, no estado do Rio de Janeiro, esta imersão religiosa não parece ser um tabu nos ambientes públicos escolares. Cavaliere (2006) aponta que esta imersão está regulamentada a partir da Lei 3459/00 através do estabelecimento do Ensino Religioso confessional nas escolas públicas estaduais. Este *insight* foi percebido no retorno à escola para realização do estágio, onde foi possível enxergar elementos religiosos muito densos, que antes eram invisíveis ao autor, que vestindo as lentes do senso comum e tendo crescido em um lar fortemente religioso, tendia a naturalizá-los.

Por outro lado, Cavaliere e Cunha (2007) apontam que a regulamentação deste Ensino Religioso nas escolas públicas do Rio de Janeiro acabou por contribuir na composição de uma hegemonia cristã entre católicos romanizados e cristãos evangélicos. O campo mostrou um pouco dessa característica, seja com a presença de símbolos religiosos católicos, seja com certo “novo espírito do capitalismo” (TORRES, 2007) entre os estudantes.

Mas quais são aqueles elementos afinal? Cabe dizer aqui, que são possíveis de se perceber tanto na cultura escolar, quanto no *ethos* dos profissionais e dos estudantes, a presença de símbolos religiosos e condutas que se orientam segundo esses símbolos. Por exemplo, há crucifixos na sala dos professores e no pátio, assim como uma Santa católica na sala da diretora central. Elementos aparentemente comuns em nosso cotidiano, mas que localizadas dentro de uma escola pública não-confessional se tornam uma questão digna de análise. Ainda mais quando nossas memórias são confrontadas com o cotidiano atual da cultura escolar desenvolvida na instituição.

Por exemplo, em um momento logo após a realização da entrevista, um jovem aluno do primeiro ano do Ensino Médio falou de suas preocupações com o seu futuro profissional. Segundo ele, a escola motiva muito os discentes a buscar “coisas maiores na vida” e que o sonho dele era ter a mesma profissão que o pai: eletricitista. Para tanto, ele gostaria de “fazer qualquer curso técnico” para consolidar esta expectativa profissional. Principalmente porque ele, o aluno, não queria ficar como seus colegas de classe, que segundo ele, “só querem saber de fumar maconha”. Em outro dia, outro jovem aluno do segundo ano do Ensino Médio, em uma conversa informal com a professora de Sociologia dizia estar muito chateado por ter

ficado de recuperação na disciplina, pois se trata, segundo ele, de uma matéria “fácil demais”, mas não tão difícil quanto o Ensino Religioso, que “ensina coisas para a vida” e, por isso, é uma disciplina mais complexa que Sociologia.

Neste mesmo dia uma aluna e sua amiga vieram até a sala dos professores conversar com a professora de Matemática a fim de saber quais as matérias da prova. Respondendo uma das meninas que disse que não estudaria, mas que iria “orar muito para passar”, sua amiga disse, com convicção: “Também... Como você quer passar? Jesus só ajuda a quem estuda...”.

Outros relatos extraoficiais serão ainda analisados, de modo que é impossível abordar todo o material obtido neste espaço. Entretanto, estes relatos percebidos pela observação participante nos remetem a observar o público que se tornou central na pesquisa: as *juventudes*, nossas fontes discentes. Sobretudo em relação aos seus diferentes pertencimentos religiosos e visões de futuro profissional.

Durante o estágio outro elemento me chamou-me a atenção. O fato de uma professora ter afirmado que a diretora da escola cria regras e as adapta de acordo com novas situações sociais que a escola passa, tudo para que a instituição mantenha a sua boa imagem e seus bons resultados e que “é muito difícil conseguir vagas [na escola], porque as turmas são sempre cheias”. Ao longo dos roteiros que ainda estão sendo aplicados, podemos perceber que alguns ex-discentes também apontam as influências desta diretora, entre as figuras que mais afetaram suas trajetórias na escola, positiva ou negativamente. O que consolida, conforme temos observado, uma permanência e legitimidade desta liderança na instituição.

As observações realizadas, conversas informais e alguns roteiros respondidos por egressos, apontam para o protagonismo dessa diretora, considerando o que ela representa para a escola e a influência dela na trajetória dos entrevistados, fato que nos levou a elaborar uma primeira hipótese nesta pesquisa: a de que a instituição tem reconhecimento e certo prestígio social na comunidade em que se localiza por conta do papel que a diretora exerce, há 34 anos, nos rumos da escola. Alguns roteiros aplicados apontam para esta indicação. Mesmo que não seja unânime, por parte dos egressos entrevistados⁶, a aprovação a esta diretora. Esperamos que os roteiros possam subsidiar as análises capazes de confirmar ou não se esta hipótese é válida.

Nesse âmbito, as memórias discentes dos colegas do tempo em que éramos alunos, foram contribuindo ainda mais na construção do objeto da pesquisa e, que vem a ser também

⁶ Ressaltamos que no roteiro aos egressos não perguntamos sobre a referida diretora em si, mas em muitas respostas à pergunta sobre as memórias que se possui da escola há diversas citações a mesma.

um principal pilar de outra hipótese desenvolvida no trabalho. Hipótese esta que está intrinsecamente ligada a primeira que acabamos de descrever, a de que, nos bastidores desta cultura escolar, a imersão do campo religioso que ali se desenrola, centra-se necessariamente no que conhecemos como *teologia da prosperidade*⁷ (MARIANO, 1996, 2004; CAMPOS, 2002 Apud BOECHAT, DUTRA et PY, 2019). Esta teologia é adotada informalmente pelos profissionais da instituição, que contam também com a adesão dos estudantes, para além da educação formal, no intuito de propor um sentido à prática pedagógica ali realizada e até mesmo às trajetórias de vida dos discentes em relação à sua inserção no Ensino Superior e mundo do trabalho.

Em um contexto social de ausência de políticas públicas que efetivem e garantam uma mobilidade social de modo pleno, esta teologia assume o papel de motivar as juventudes a acessar esses direitos, ainda que mascare uma ideia de *meritocracia* com mediação *metafísica*. Mesquita (2013) em seu trabalho menciona a forte rede de sociabilidades que os pentecostais em Campos nutrem entre si, de modo que líderes de igrejas pentecostais fazem mediações para os fiéis com o poder público e empresas para garantir o direito à cidade e também ao trabalho.

Neste bojo, acreditamos que a *teologia da prosperidade* se faz presente, sobretudo, a partir do pertencimento religioso dos atuais estudantes na escola, assim como dos egressos e de alguns profissionais. Seja articulando os discursos docentes nessa preparação das juventudes da escola ao mundo do trabalho, mas também no desenvolvimento pessoal e espiritual desses jovens, seja a partir dos próprios discentes que buscam realizar esta mobilidade. Também porque o nome que a escola possui, remete a uma instituição privada cristã de Serviço Social norte-americana, fundada em Chicago, no ano de 1905 e que se autodenomina como “promotora da educação” e do “desenvolvimento econômico”⁸. O que nos chamou a atenção para esta imersão e que tem nos permitindo fazer uma conexão entre, por um lado, aquele *ethos* que Weber (2004) descreve como o “espírito capitalista” por excelência e, do outro, uma busca teológica pela prosperidade também espiritual e pessoal.

⁷ “Prosperidade” tanto no sentido de mobilidade social ascendente, mas também uma maior qualidade de vida, ou seja, maior saúde física, mental, espiritual, na vida conjugal e familiar. Para que este sucesso se consolide é necessário que o fiel siga à Deus, peça-o com fé por meio da palavra dita com autoridade, pois todos esses elementos são seus *direitos* como sendo filho (a) de Deus (MARIANO, 1996). Esta teologia nascida no pentecostalismo norte-americano nos anos 1950 chega ao Brasil por volta, justamente, dos anos 1975 em um período histórico conhecido como “terceira onda do pentecostalismo ou *neopentecostalismo*” (FREESTON, 1989 Apud BOECHAT, DUTRA et PY, 2019).

⁸ A cidade de Campos dos Goytacazes, assim como a escola recebem visitas dos membros locais e estrangeiros desta organização. No texto completo da nossa pesquisa, esta ligação é melhor aprofundada e discutida.

Neste contexto escolar, seu entorno é rodeado por igrejas cristãs Pentecostais e uma Católica Apostólica Romana. A violência e seus efeitos atravessam qualquer relação social nestes bairros⁹ do distrito de Guarus. Nesse sentido, as juventudes da região enfrentam alguns estigmas e rotulações na busca por empregos ou mesmo na busca por consumo em centros de compras ou *shopping centers* da cidade. Alguns roteiros respondidos apontam para a existência deste estigma.

Novaes (2006) afirma que essas desigualdades características nas trajetórias dos jovens, se estabelecem a partir dos diferentes acessos que cada um (a) tem ao longo da vida. Local de moradia, gênero e cor influenciam, por exemplo, o acesso ao mundo do trabalho. Da mesma forma, a autora afirma dois medos recorrentes nas juventudes, o “medo de sobrar” e o “medo de morrer”. Em relação ao primeiro medo, “sobrar” em um “mercado de trabalho restritivo e mutante” e cada vez mais precário desde a flexibilização nas relações e processos de trabalho (ANTUNES, 2003; 2007), reduz as expectativas dos jovens em uma mobilidade social ascendente. Por outro lado, o contexto violento do distrito de Guarus, como em todo município de Campos dos Goytacazes, reforça o “medo de morrer” que estas juventudes possuem. Em alguns roteiros, as respostas na pergunta sobre as percepções do local de moradia dos entrevistados apontam para a existência deste receio¹⁰ em relação à localidade.

Conforme parte dos roteiros de entrevista já aplicados junto aos estudantes egressos têm apontado, os que trabalham na cidade se viram em uma situação de certa vulnerabilidade ao adentrarem no mundo do trabalho. Eles se queixam de que é um mercado com poucas oportunidades e restrito aos empregos no setor de serviços. O que demonstra para nós a validade da discussão levantada por Antunes (2003; 2007), que afirma que o atual contexto que se encontra organizado os processos de trabalho é marcado pela *subproletarização* da “classe-que-vive-do-trabalho”. Este quadro global ecoa também na organização do mundo do trabalho em Campos dos Goytacazes.

A partir de mais uma crise cíclica do sistema capitalista de produção, na segunda metade dos anos 1970 houve uma radicalização liberal na regulamentação do trabalho, a partir da frouxidão ou mesmo exclusão de leis trabalhistas e também pela negligência do Estado frente à proteção social de novas formas de trabalho no mundo contemporâneo, gerando

⁹ Os bairros vizinhos à escola, como, por exemplo, o Santa Rosa, Eldorado, Nova Campos, Novo Eldorado, Bandeirantes, Codin e Custodópolis constituem um território conhecido, não à toa, como *Síria*. Principalmente por conta das disputas do tráfico que entrecortam as localidades de Guarus.

¹⁰ Pinheiro (2018) mostra em sua tese, os efeitos que a violência no bairro de Santa Rosa, próximo à escola, têm em relação às sociabilidades dos moradores do local, produzindo inúmeros efeitos na vida dos moradores sobre a violência do tráfico de drogas na região.

inclusive o fenômeno da “uberização do trabalho” (ABÍLIO, 2011). No Brasil, este mundo do trabalho marcado predominantemente pelo setor de serviços, sofreu mais um revés com a reforma trabalhista de 2017, legalizando a oferta de empregos subalternizados e precários a partir da regulamentação do trabalho intermitente (KREIN et al., 2018).

Enquanto o discurso de setores privados afirma o ideário de meritocracia a partir da teoria do “capital humano”, inclusive dentro das próprias escolas (LAVAL, 2004), na prática, a ausência de políticas públicas que efetivem o tripé da seguridade social, de qualificação e criação de postos de trabalho formal e a própria regulamentação do trabalho em si, aprofundam a própria crise no mundo do trabalho.

Passamos a buscar o entendimento sobre a ressonância que a imersão religiosa nesta escola tem nesse público específico a partir destas análises teóricas, cruzando-as com o contexto territorial da escola. Ou seja, quais as influências destas matrizes teológicas, que se destacam na condução dos trabalhos na escola? Sobretudo, na preparação das juventudes ao mundo do trabalho e suas perspectivas de futuro profissional? A escola contemporânea, sob a batuta da teoria do capital humano, continua buscando esses resultados nas trajetórias de seus discentes. Nesse sentido, busca realizar as suas históricas promessas por mobilidade social ascendente.

Porém, se por um lado alguns roteiros respondidos pelos egressos apontam para um resultado positivo que esta característica motivacional da escola teve em suas vidas: “As experiências formadas nos anos em que estudei [na escola] foram fundamentais para o desenvolvimento do meu interesse pela docência e para a minha formação dentro da área” (resposta de uma egressa). Do outro, apareceram respostas negativas sobre esta característica da escola, principalmente nos entrevistados que se denominam *sem religião*. Como aparece em uma resposta: “Minhas memórias da época de estudante do Rotary são, em sua maioria, não muito boas (...) eu simplesmente cumpria uma obrigação: estudar e me formar.” Mas, havia também uma motivação à purificação da alma e elevação do espírito através da busca a Deus como aponta uma resposta de uma egressa que também se denomina como *sem religião*: “Alguns professores obrigava turmas que estudei a “orar” antes das aulas”.

Nesse contexto escolar, esta característica motivacional e espiritual parece ter uma permanência histórica, um estudante afirmou que além de estudar e ter que se formar, é motivado a buscar Deus: “A gente sem Jesus no nosso coração as coisa fica mais difícil e com Jesus no coração as coisa fica mais fácil, as porta que eram fechada começa se abri”. Essa resposta pode ser colocada de forma semelhante ao que é pregado entre os pentecostais,

através dos discursos de vários especialistas religiosos (pastores, missionários, entre outros) sobre a teologia da prosperidade. Em todo caso Jesus “abre as portas”.

É importante ressaltar que entre os anos 1970 até o fim dos anos 1980 importantes acontecimentos ocorrem no mundo e que vão mobilizar os três campos que se relacionam no contexto investigado, a saber, educação, religião e trabalho. Ao mesmo tempo em que a economia mundial sofre uma virada em sua organização, a *teologia da prosperidade* é estabelecida enquanto doutrina evangélica (MARIANO, 1996), surge a Igreja Universal do Reino de Deus em 1977 no Brasil (LIMA, 2007) e a escola também vivencia transformações em suas estruturas internas. Rui Canário (2005) e Christian Laval (2004) são nossas principais referências em entender a escola como objeto de estudo e campo de observação permanente.

CONCLUSÃO

Em um mundo que passou a se moldar politicamente segundo o ideário do neoliberalismo, com ofertas de trabalho formal cada vez mais escassas e precárias e ao mesmo tempo com um mercado de trabalho cada vez mais informatizado e exigente em qualificações e competências, a escola que prometia uma boa posição social, bons salários, em suma, uma vida pautada pelo *welfare state*, se viu em uma encruzilhada epistemológica e ética. O Estado, os economistas e estudiosos da educação, segundo Laval (2004), passaram a entender a escola como um meio subordinado à atividade econômica. Do nosso ponto de vista, analisando a realidade escolar investigada segundo os enunciados de Laval, um problema público emerge: quais os limites da teoria do capital humano vista como grande solução à educação pública estadual do Rio de Janeiro?

No contexto escolar investigado, aquelas “promessas” continuam sendo reafirmadas e contam com a adesão dos estudantes, consolidando certo prestígio a esta escola na comunidade. Principalmente porque além da busca em concretizar os direitos destas juventudes, que é acessar o Ensino Superior e o mundo do trabalho formal e regulamentado, uma parte dos seus estudantes egressos conseguem acessar esses direitos, passando uma boa imagem da escola à comunidade, apesar das árduas trajetórias pessoais. Embora ter um diploma com nível superior ou um maior acesso à formação tecnológica-industrial não sejam determinantes na disputa por um posto de trabalho, não tê-los também dificulta essa busca em um contexto histórico de ampla restrição de direitos. Principalmente se levarmos em conta aqueles estigmas que permeiam as juventudes de Guarus na seleção para os postos de trabalho.

Assim sendo, como que contemporaneamente em “mundo flexível” esta escola reafirma as “promessas” deste mercado e de mobilidade social ascendente? Canário (2005) afirma que a “escola de promessas” foi superada pela das “incertezas”, porém o contexto escolar investigado aponta para um misto entre ambos os modelos. Articulando as duas hipóteses desenvolvidas pelo nosso trabalho de pesquisa, a *alta procura* pela escola por causa de seu prestígio social na comunidade, aponta para a necessidade e/ou desejo das juventudes e/ou de seus pais em sair de áreas violentas no bairro de Guarus e *ascender* na vida. Seja para evitar *sobrar* ou mesmo *morrer* prematuramente, o que pode explicar esta adesão discente (tanto dos atuais estudantes, quanto dos egressos - ainda que forçada) a esta *teologia da prosperidade* e ao mesmo tempo às *promessas* que a escola ressignifica em sua prática pedagógica.

Desta forma, contudo, o objeto da pesquisa foi se construindo. O estágio, ainda que obrigatório, permitiu um mergulho em mundo que nos era familiar, mas ao mesmo tempo profunda e paradoxalmente desconhecido até então. Voltar à escola com novas lentes - não necessariamente lentes melhores ou socialmente superiores, mas sim diferentes -, na condição de estagiário, egresso e também de pesquisador, foi possível desnaturalizar um contexto que nos era natural e concreto, seja por ter sido aluno da escola, seja por conhecer a maior parte dos profissionais que nela permanecem. A pesquisa está em conclusão, porém sabemos que ela abre inúmeras questões¹¹ sobre a relação entre *religião, educação e trabalho* que se desenvolve neste contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABILIO, Ludmila Costhek. **O make up do trabalho:** uma empresa e um milhão de revendedoras de cosméticos. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas - SP: 2011.

ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho:** Ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. 6a reimpressão. São Paulo: Boitempo Editorial, 2003.

_____. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. 12a edição. São Paulo: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 2007.

BOECHAT, João; DUTRA, Roberto; PY, Fábio. Teologia da prosperidade campista: Apóstolo Luciano e suas ressignificações religiosas na Igreja Pentecostal Semear. **Religião & Sociedade**, Rio de Janeiro, v. 38, n. 2, p.198-220, mai./ago. 2018. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.1590/0100-85872018v38n2cap07>> Acesso em: 30 jul. 2019.

¹¹ Esses questionamentos, mesmo respondidos em parte, apontam para novas questões que sem dúvida irão carecer de pesquisas futuras mais abrangentes, a serem desenvolvidas, por exemplo, com gerações anteriores a gestão da atual diretora e até mesmo em outros contextos escolares.

CANÁRIO, Rui. **O que é a escola?** Um olhar sociológico. Cap.: 5 (p. 59-87). Porto: Porto Editora – LDA, 2005.

CAVALIERE, Ana Maria. **Quando o Estado pede socorro à religião.** Revista Contemporânea de Educação, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p.178-189, 2006. Disponível em <<https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1503>> Acesso em: 20 set. 2019.

CUNHA, Luiz Antônio; CAVALIERE, Ana Maria. **O Ensino Religioso nas escolas públicas brasileiras: formação de modelos hegemônicos.** In: PAIXÃO, Léa Pinheiro; ZAGO, Nadir (Orgs.). Sociologia da Educação: pesquisa e realidade brasileira. Petrópolis: Editora Vozes, 2007.

KREIN, José Dari et al. **Flexibilização das relações de trabalho: insegurança para os trabalhadores.** Revista do Tribunal Regional do Trabalho da 15ª Região, Campinas, n. 52, p.41-66, jun. 2018. <<https://hdl.handle.net/20.500.12178/141969>> Acesso em: 20 set. 2019.

LAVAL, Christian. **A Escola não é uma empresa:** o neo-liberalismo em ataque ao ensino público. Londrina: Editora Planta, 2004.

MARIANO, Ricardo. **Os Neopentecostais e a Teologia da Prosperidade.** Novos Estudos, [s. L.], v. 1, n. 44, p.24-44, mar. 1996. Disponível em: <<http://novosestudos.uol.com.br/produto/edicao-44/>>. Acesso em: 19 set. 2019.

_____. **Expansão pentecostal no Brasil: o caso da Igreja Universal.** Estudos avançados, [s. L.], v. 18, n. 52, p.121-138, 2004. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a10v1852.pdf>> Acesso em: 02 ago. 2019.

MESQUITA, Wania Amélia Belchior. **Religiosidade pentecostal e ordem violenta em favelas na cidade de Campos dos Goytacazes.** In: CUNHA, Neiva Vieira da; FELTRAN, Gabriel de Santis (Orgs.). Sobre periferias: Novos conflitos no Brasil contemporâneo. Rio de Janeiro: Lamparina, 2013. p. 118-130.

NOVAES, Regina. **Os jovens “sem religião”: ventos secularizantes, “espírito de época” e novos sincretismos.** Notas preliminares. In: Estudos Avançados, São Paulo, v.18, n.52, p. 321-330, out. 2004. Disponível em: <www.scielo.br/pdf/ea/v18n52/a20v1852.pdf> Acesso em 01 ago. 2019.

_____. **Culturas jovens:** novos mapas de afeto. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2006.

NÓVOA, António (Org.). **As Organizações Escolares em Análise.** Porto, Portugal: Dom Quixote Editora, 1995.

LIMA, Diana Nogueira de Oliveira. **"Trabalho", "mudança de vida" e "prosperidade" entre fiéis da Igreja Universal do Reino de Deus.** Religião & Sociedade, São Paulo, v. 27, n.1, p.132-155, jul. 2007. <http://dx.doi.org/10.1590/s0100-85872007000100007>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-85872007000100007>. Acesso em: 01 set. 2019.

PINHEIRO, Ana Carla Oliveira. **“Ver e não enxergar, escutar e não ouvir, ver e não falar”:** um estudo sobre a sociabilidade e as formas de conviver com o medo e o sentimento de (in) segurança em uma comunidade de periferia em Campos dos Goytacazes (RJ). 301 f. Tese (Doutorado) - Programa de Pós Graduação em Sociologia Política, CCH, Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Campos dos Goytacazes, 2018.

POLLAK, Michael. **Memória e identidade social**. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, v.5, n.10, p.200-212, 1992.

TORRES, Roberto. **O Neopentecostalismo e o Novo Espírito do Capitalismo na modernidade periférica**. Perspectivas, São Paulo, v.32, p.85-125, jul./dez. 2007.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.